

CRENÇAS SOBRE O CORPO NA VELHICE NA LITERATURA DE CORDEL

Ênio de Almeida Brito Neves ¹

Joel Lima Silva ²

Antônio Guedes Rangel Júnior ³

Maria do Carmo Eulálio ⁴

RESUMO

O processo de envelhecimento do corpo não é apenas de ordem biológica, mas permeado de questões psíquicas e atravessado por significações sociais. A arte se constitui enquanto elemento fundamental para a materialização dos saberes construídos socialmente sobre o que é vivenciado no grupo, saberes estes que circulam e também são responsáveis pela formação de atitudes. Nessa perspectiva, o presente trabalho buscou identificar as concepções sobre o corpo na velhice que estão presentes na literatura de cordel, gênero literário característico da região Nordeste. Para tal, foi utilizado o acervo da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba, extraindo uma amostra de 130 cordéis e desta os temas relacionados ao *Corpo*. Foram identificadas 98 unidades temáticas, dentre as quais divididas nas categorias: *Significações do corpo que envelhece*, *Alterações Corporais e Fisiológicas*, *Rosto Deformado* e *Uso de artifícios para mascarar a velhice* e submetidas à Análise de Conteúdo Temática. As concepções que mais aparecem estavam ligadas a decrepitude e fragilidade do corpo (47,6%), problemas nas pernas (17,6%), traços do rosto embrutecidos (31,4%) e utilização de intervenções na pele para mascarar a velhice (62,5%). A análise demonstrou uma reiteração da perspectiva ocidental negativa da velhice ligada às perdas e a uma significação social negativa do envelhecimento do corpo, além de apontar para a arte como um veículo de ressonância de percepções sociais sobre os fenômenos e como um instrumento para uma potencial reestruturação de crenças acerca da velhice e posterior formação de atitudes.

Palavras-chave: Velhice. Literatura de Cordel. Envelhecimento

INTRODUÇÃO

Os estudos atuais indicam que o processo de envelhecimento está para além das alterações nas funções biológicas, mas também implicam mudanças em âmbito psíquico e social (ZIMMERMAN, 2000; LOPES, 2010; SCHNEIDER; IRRGARAY, 2008; KREUZ; FRANCO, 2017). Porém, a velhice, assim como outras etapas da existência humana, é atravessada por *significações*, permeada por construtos sociais que estruturam a maneira com

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, membro do GEPES (Grupo de Estudos e Pesquisa em Envelhecimento e Saúde), eniobrito5@gmail.com;

² Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, membro do GEPES (Grupo de Estudos e Pesquisa em Envelhecimento e Saúde), joel.lima17.jls@gmail.com;

³ Professor Doutor do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, membro do GEPES (Grupo de Estudos e Pesquisa em Envelhecimento e Saúde), rangeljunior@icloud.com

⁴ Professor orientador: Profª Drª Maria do Carmo Eulálio - Universidade Estadual da Paraíba, coordenadora do GEPES (Grupo de Estudos e Pesquisas em Envelhecimento e Saúde), carmitaeulalio.uepb@gmail.com

que os sujeitos concebem e agem diante das etapas da vida que vivenciam (PIRES, 2003; KREUZ; FRANCO, 2017).

Silva (2016) aponta que a sociedade brasileira em seu movimento de atribuição de significado ao fenômeno do envelhecimento, acabou por reproduzir uma visão negativa da velhice através da perspectiva europeia, explicitada por Simone de Beauvoir que indica que “para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso” (BEAUVOIR, 1990 *apud* SILVA, 2016). O Brasil, enquanto economicamente movido pelos ideais de produtividade de uma sociedade capitalista, considera os idosos um peso, visto que suas condições físicas não estão de acordo com as exigências. Sendo assim, o corpo que envelhece não é apenas concebido em sua perspectiva biológica, mas significado através das vivências do sujeito e suas construções sociais internalizadas (PIRES, 2003; SILVA, 2016).

A cultura, enquanto produtora de sistemas de significados articulados pelos jogos de linguagem e sistemas de classificação, é diretamente responsável pela produção de subjetividades (HENNIGEN; GUARESCHI, 2006) e pelo estabelecimento da maneira com que o sujeito se relaciona com o mundo. Nesse sentido, a produção artística adquire uma importância significativa quando se trata de materializar esse saber produzido culturalmente sobre determinado fenômeno em uma obra de arte (BARROCO; SUPERTI, 2014) e esta dá sinais sobre o que circula na percepção dos sujeitos inseridos em uma determinada lógica social.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa visa identificar quais as concepções sobre o corpo que envelhece estão presentes na literatura de cordel e dão conta desses significados que o idoso nordestino confere ao envelhecimento do seu próprio corpo. Para tal, buscou-se o acervo de cordéis da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba e foram selecionados os cordéis que abarcassem os temas “velho”, “velha”, “idoso”, “velhice” ou “envelhecimento” no título. O material selecionado foi submetido à Análise Categórica Temática de Conteúdo de Laurence Bardin (2016) e as categorias de conteúdo selecionadas para o seguinte trabalho foram: Significações do corpo que envelhece, Alterações Fisiológicas, Corpo Deformado, Rosto Deformado e Uso de artifícios para mascarar a velhice.

A análise da amostra aponta que todos os cordéis representaram uma visão do corpo que envelhece apenas pela perspectiva dos declínios e perdas, da deformação do corpo, do embrutecimento dos traços jovens, associados à feiura, além de abordarem sobre as intervenções de pele na tentativa de mascarar o envelhecimento. Sendo assim, percebe-se a reiteração da concepção negativa da velhice que veicula no discurso da sociedade brasileira e da inferiorização do corpo que perde as suas capacidades produtivas. Dessa maneira, a literatura

de cordel se apresentou como veículo de ressonância do discurso social, mas também pode ser um instrumento de criação de novas crenças e concepções sobre a velhice, sendo um potencial transformador da maneira com que os sujeitos percebem e lidam com o envelhecimento do outro e do seu próprio corpo.

METODOLOGIA

O método utilizado para analisar os cordéis foi a Análise Categórica Temática de Conteúdo de Laurence Bardin (2016), que se estrutura nos seguintes passos: A *Pré-Análise* (Leitura Flutuante, Constituição do Corpus), *Exploração do Material* (Recorte do texto em unidades de registro, escolha das regras de contagem e classificação e junção dos dados em categorias) e *Interpretação dos dados obtidos* (Interpretação e Análise das categorias).

O material submetido à análise foram os cordéis da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba que tivessem em seus títulos os termos: Velho, Velha, Velhice, Idoso, Envelhecimento. Na etapa de *Pré-Análise* foram encontrados 130 cordéis. Após a realização de uma leitura flutuante nesse material, o *corpus* foi constituído por 22 cordéis relacionados ao tema *Velho*, 12 relacionados ao tema *Velha*, 4 relacionados ao tema *Idoso*, 7 relacionados ao tema *Velhice* e 5 relacionados ao tema *Envelhecimento*, totalizando 50 cordéis. Os outros 80 cordéis eram repetições e reedições de cordéis já utilizados ou não apresentaram nenhuma relação com os descritores utilizados. Na *Exploração do Material*, foi escolhida o tema como a unidade de registro a ser analisada. Segundo Bardin (2016), “o tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas”.

Realizando uma nova leitura flutuante nos 50 cordéis escolhidos, foram contabilizados 247 temas, dos quais foram agrupados em 102 temas relacionados a Velho, 47 temas relacionados à Velha, 55 temas relacionados à Velhice, 31 temas relacionados a Idoso e 12 temas relacionados a Envelhecimento. Dentro desses temas foram encontradas 98 unidades de registro relacionadas a Corpo, que foram divididas nas seguintes categorias: Significações do corpo que envelhece, Alterações Corporais e Fisiológicas, Rosto Deformado e Uso de artifícios para mascarar a velhice. As categorias seguiram os critérios de organização direcionados por Bardin (2016): exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade e produtividade.

DESENVOLVIMENTO

O processo de envelhecimento, além de possuir um caráter que implica na degenerescência do aparato biológico, possui uma significação cultural intrínseca a ele (CACHIONI; AGUILAR, 2008), que servirá para guiar a interpretação dos sujeitos sobre o que é envelhecer. O corpo, nesse sentido, se constitui enquanto a marca característica da velhice e, além do declínio real das suas funções, é recoberto por imaginário pessoal e social que situa um lugar para esse corpo envelhecido (ROSA *et al*, 2015; KREUS; FRANCO, 2017). Para Le Breton (2006), o corpo se apresenta enquanto um mediador privilegiado das práticas sociais e se situa “no cruzamento de todas as instâncias da cultura” (p.31).

Nessa perspectiva, o “ser velho” na sociedade ocidental contemporânea está diretamente ligado a uma perspectiva de declínios e perdas (SCHNAIDER; IRRIGARAY, 2008) e o Brasil, herdeiro das concepções europeias sobre a velhice, situa o corpo idoso num não-lugar, visto que não é um corpo que se adapta às exigências econômicas de produtividade do sistema no qual é inserido (SILVA, 2016). Se pressupõe, portanto, a busca por uma aproximação máxima de um corpo com um funcionamento ideal, semelhante ao que Foucault (2017) estabelece sobre a *anátomo-política do corpo humano*, que buscaria, através da concepção do corpo como máquina, potencializar as suas aptidões e estimular o crescimento da sua utilidade e docilidade, para que ele seja integrado em “sistemas de controle eficazes e econômicos” (FOUCAULT, 2017, p.150). Esse processo não ocorre apenas a nível individual, mas também a nível populacional, constituído enquanto uma *biopolítica* (FOUCAULT, 2017).

No processo de normatização do corpo na sociedade ocidental, criou-se um padrão de beleza e juventude a ser seguido, explicitado na busca por um corpo ideal e que impacta diretamente na percepção do idoso sobre o seu corpo (MARINHO; REIS, 2016; ROSA *et al*, 2015). Nesse sentido, Blessman (2004, p.27) aponta que é na velhice “que se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal, porque é difícil aceitar uma imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude”. O corpo, portanto, passa a ocupar um lugar de marca identitária e a sociedade se utiliza das modificações corporais para delimitar quem é ou não idoso (MARINHO; REIS, 2016), além de situar esses sujeitos em determinadas lógicas, as quais eles acabam se apropriando. Sendo assim, é o olhar do outro que aponta esse envelhecimento e a nova construção que o idoso terá que fazer do seu corpo na maioria dos casos está ligada às ideias de decrepitude, de não adaptação ao ideal (ROSA *et al*, 2015).

A vivência do ser humano em sociedade permite que seja criado, através da linguagem, um meio simbólico de compreensão e estruturação da realidade, a *cultura*. O arcabouço cultural abarca em seu cerne as crenças, valores, leis, produções artísticas, padrões de leitura do mundo que o determinado grupo compartilha entre si (CALDAS, 1986) e que são responsáveis pela interpretação que os sujeitos dão sobre os fenômenos da vida, como o nascimento, as etapas da vida, a morte. Os meios simbólicos em que veiculam esses saberes, como a literatura, a televisão e os jornais, não apenas abarcam uma dimensão cognitiva de formação de crenças e concepções sobre determinado assunto, mas são também reconhecidos como instrumentos de formação de atitudes relativas a determinados objetos sociais, como a velhice (NERI, 2006).

A arte se apresenta enquanto veículo privilegiado que materializa as concepções sociais construídas em determinado grupo sobre aspectos que fazem parte da vivência em sociedade (BARROCO; SUPERTI, 2014), além de ser um instrumento que dá suporte para o estudo dos elementos culturais que explicitam as crenças que circulam e permitem a criação de novas sínteses sobre os assuntos, adquirindo um papel também de transformação social (BARROCO; SUPERTI, 2014).

No Nordeste brasileiro, o cordel se apresenta enquanto uma das expressões artísticas que caracterizam essa região, sendo considerado por alguns cordelistas como uma produção tipicamente brasileira, que se difundiu a partir da transmissão oral e depois passou a ser veiculada através de pequenos folhetos presos a cordões semelhantes a um varal. Araújo (2007) aponta que o poeta que produz a literatura de cordel é, em seu cerne, um produtor de saberes sobre as suas percepções em relação às vivências cotidianas e veicula na sua obra “uma visão de ser humano e de mundo, que se relaciona com a realidade social em que foi gerado” (ARAÚJO, 2007, p. 23). Esse mesmo autor aponta que o cordel se apresenta como “a pedra angular de interpretação do cotidiano” (ARAÚJO, 2007, p.30).

Vygostsky aponta que a formação da consciência se dá a partir de uma relação dialética entre o sujeito e o meio social que o circunda, vindo, posteriormente, a internalizar os signos e símbolos que fazem parte daquela cultura, o orientando na relação com o mundo (CARVALHO *et al*, 2010). A constituição de significado, porém, é estreitamente ligada à fenômenos emocionais, impactando também no componente condutual (OLIVEIRA, 2015; ZABALA, 1998). Sendo assim, se a literatura de cordel participa de um processo de construção de conhecimento (ARAÚJO, 2007) e essa construção possui um componente também afetivo oriundo da relação com a própria cultura, se forma um campo propício para o desenvolvimento de condutas em relação ao assunto tratado, nesse caso a velhice.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os 26 temas relacionados a Corpo, foi realizado um recorte dos fragmentos de cordéis em unidades de registro, que somaram um total de 98, distribuídas nas categorias *Significações do corpo que envelhece*, *Alterações Corporais e Fisiológicas*, *Rosto Deformado* e *Uso de artifícios para mascarar a velhice*.

Tabela 1. Significações sobre o corpo que envelhece

Variáveis	n	%
Decrepitude e fragilidade do corpo	10	47,6
Tristeza e prisão	7	33,3
Repugnância	2	9,5
Desumanização do idoso	2	9,5
Total	21	100%

A Tabela 1 aponta que mais de 50% das unidades de registro nessa categoria estão relacionadas à decrepitude e fragilidade do corpo do idoso, seguidas pelas concepções de que o corpo velho é causa de tristeza (33,3%), é “cadeia que prende a vida na mais triste fortaleza”. A seguir, a tabela 2 apresenta as concepções sobre as alterações corporais e fisiológicas.

Tabela 2. Alterações corporais e fisiológicas

Variáveis	n	%
Problemas nas pernas (desequilíbrio/fraqueza)	6	17,6
Dores	5	14,7
Corpo deformado	5	14,7
Problemas de visão	4	11,8
Problemas de memória	3	8,8
Incontinência urinária	2	5,9
Alteração nas emoções	2	5,9

Problemas auditivos	2	5,9
Perda de apetite	2	5,9
Tumor/Câncer	2	5,9
Doença	1	2,9
Total	34	100%

Na tabela 2, a amostra continua a apresentar uma perspectiva negativa sobre o envelhecimento, apontando para os declínios nas funções biológicas decorrentes da idade, em que se destacam a questão da deformação/assimetria do corpo (17,6%), seguida dos problemas nas pernas (pernas fracas, dormentes) e das dores, que contabilizaram cada um a porcentagem de 14,7%. Problemas de visão (11,8%), de memória (8,8%) seguem como os mais explicitados no recorte estudado. Em seguida, na tabela 3, teremos as categorias relativas às deformações no rosto.

Tabela 3. Rosto Deformado

Variáveis	n	%
Traços embrutecidos	11	31,4
Feiura	9	25,7
Deformações na boca	8	22,9
Envelhecimento da pele	5	14,3
Queda de cabelo	2	5,7
Total	35	100%

A Tabela 3 indica que, quando se tratou de um recorte mais específico do corpo que envelhece, nesse caso o rosto, as concepções que mais apareceram diziam respeito a ideia de que a velhice faz com que haja a perda da harmonia facial e embrutecimento dos traços (31,4%), explicitada pela presença, por exemplo, dos grandes narizes. Em seguida, a concepção de um rosto feio prevalece (25,7%), além das deformações na boca (22,9%) e do envelhecimento da pele (14,3%).

Por fim, em relação ao uso de artifícios para mascarar a velhice (tabela 4), destacam-se as intervenções na pele (62,5%) com apresentação de estratégias para tirar as rugas e, seguida a essas, a utilização de roupas e acessórios que remeteriam ao público jovem (25%).

Tabela 4. Uso de artifícios para mascarar a velhice

Variáveis	n	%
Intervenções na pele	5	62,5
Roupas e acessórios	2	25
Medicamentos para a potência sexual	1	12,5
Total	8	100%

A decrepitude e fragilidade do corpo velho é um assunto que aparece de forma recorrente e transpassa, direta ou indiretamente, a grande maioria dos fragmentos dos cordéis que foram pesquisados. O material analisado reitera a representação social do brasileiro sobre o fenômeno do envelhecimento, que está ligado a degenerescência do corpo (SCHNAIDER; IRRIGARAY, 2008; KREUS; FRANCO, 2017; ROSA *et al*, 2015). De fato, como indica Lopes (2010), há, com o aumento da idade, a lentificação dos processos psíquicos e fisiológicos. Essa lentificação, por sua vez, é interpretada apenas pelo viés do olhar da perda, num processo em que o ser humano rejeita a proximidade com temas como a dependência, o sofrimento e a morte (NERI, 2006).

Neri (2006) aponta que são necessários instrumentos, como os meios simbólicos (literatura, por exemplo), que representem os ciclos de vida para que os sujeitos se vejam nessas interpretações, interpretem suas experiências e criem suas concepções sobre a vida e o mundo. Dessa maneira, ela se propõe a analisar, em um primeiro momento, textos ligados à arte, como roteiros de teatro. A sua análise apresenta que os textos indicaram uma associação da velhice com “a morte, com o declínio irreversível e com a doença” (NERI, 2006, p.23), corroborando com os dados da presente pesquisa. Apesar disso, Lopes (2010) indica que a associação entre velhice e doença não deve ser automática, pois, do contrário, se reforçaria essa perspectiva e alimentaria essa concepção social.

Dentro do declínio das funções biológicas, se fala da imagem de um corpo idoso que vai se deformando ao longo do tempo, vai perdendo o seu equilíbrio e é instrumento de dor. Essas deformações, muitas vezes seguidas de dor, estão ligadas à perda de autonomia e a consequente diminuição dos índices de qualidade de vida dos idosos (CUNHA; MAYRINK, 2011). Toldrá *et al* (2014) apontam que a capacidade de realizar movimentos corporais está diretamente ligada à manutenção da autonomia e do bem-estar da população idosa.

O sentimento de tristeza ou de aprisionamento ganha espaço. Rosa *et al* (2015) apontam que há um estranhamento no olhar para esse corpo que envelhece, um não reconhecimento do psiquismo como pertencendo àquele corpo. Nos remete a ideia de uma psique “presa”, que não envelhece, mas está aprisionada num aparelho físico que não mais responde às suas demandas da maneira como antes. Há uma imagem corporal que entra em conflito com um “eu invisível” que se mantém jovem (MARINHO; REIS, 2016). Retoma-se, portanto, a angústia de não ter um corpo jovem, corpo este valorizado e almejado pela sociedade ocidental contemporânea (PIRES, 2003; NERI, 2006; BLESSMANM, 2004; MARINHO; REIS, 2016).

O envelhecimento do rosto também é atravessado por representações semelhantes, em que se fala muito de um *embrutecimento* dos traços antes finos e jovens, tornando o rosto *feio*. Essa ideia da feiura é revisitada por Neri (2006) em sua análise. Sendo assim, na tentativa de manutenção da juventude, se buscam artifícios para melhorar a aparência e manter um estilo de vida ativo (PIRES, 2003; NERI, 2006; ROSA *et al*, 2015; MARINHO; REIS, 2016). As intervenções na pele apareceram como as mais citadas. Pires (2003), aponta que a sociedade responsabiliza a mulher pelo aparecimento das rugas, sendo ela também a responsável pela sua extinção, num excessivo controle do corpo que deve começar desde cedo.

Nesse sentido, a “arte” de enfrentar a velhice necessita a orientação de especialistas que, com suas tecnologias, criam condições de saúde (NERI, 2006) e de beleza. “[...] temos necessidade de conselhos para um uso dessa vida que seja útil e sem inconveniente” (FOUCAULT, 2017, p.129). Nesse caso, a medicina entra como, além de uma estratégia de intervenção, um conjunto de saberes que iriam dizer de uma relação do sujeito com o seu próprio corpo e estruturar um regime, uma “estrutura voluntária e racional de conduta” (FOUCAULT, 2017, p.128), numa *frequente atenção a si mesmo*, no desenvolvimento das *práticas de si*. O uso de medicamentos para potência sexual, como cita um dos cordéis, é um exemplo dessa intervenção médica no corpo idoso. Dentro desta perspectiva, coloca-se as “vicissitudes próprias da velhice como fracassos individuais” (PIRES, 2003, p.72), sendo as perdas das capacidades de responsabilidade pessoal e os fracassos como adoção de um estilo de vida não correto (PIRES, 2003; NERI, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções e vivências do que é ser idoso não são dadas universalmente, mas *construídas* de acordo com cada cultura e situadas social e culturalmente. Nesse caso, o lugar no qual o idoso é situado depende dos valores e normas estabelecidos pelo grupo. Dos dados

analisados, portanto, pode-se depreender o lugar social que a cultura brasileira, mais especificamente a nordestina, situa o corpo que envelhece: o lugar da *decrepitude*, da *perda*, do *não funcionamento ideal*, da *feiura* e de outras significações de declínio que a atravessam.

Podemos relacionar essas ideias à concepção do corpo enquanto um instrumento de trabalho e de prazer. Sendo assim, acompanhar o envelhecer desse corpo se constitui enquanto um fenômeno significado pela via do declínio, que traz subjacente uma ideia de manutenção plena da jovialidade para que o potencial de produção dele pudesse ser conservado. Inferimos também que essas duas dimensões da vida também implicam, a partir dessa representação da velhice, numa sociabilidade que se perde, visto que o trabalho e o prazer são atividades que estão diretamente implicadas numa relação com o outro e esses vínculos, em função da perda de certos caracteres físicos e fisiológicos de jovialidade, são dificultados ou rompidos.

Não foram percebidas concepções que denotam algo de positivo da velhice e do envelhecimento ou ao menos uma escolha de palavras que visasse amenizar a descrição dos idosos nos cordéis, como acontece no uso de eufemismos para diminuir o impacto ao se falar sobre essa etapa da vida, circulando ideias que tiram o idoso do rol da humanidade, como “velho para mim não é gente”.

Sendo assim, a literatura de cordel se apresentou como veículo de ressonância das concepções sobre as vivências dos sujeitos inseridos numa lógica social. Porém, apesar de funcionar como esse “espelho” de crenças, a arte possui também a função de criar novas sínteses que poderão, nesse jogo dialético entre sujeito e cultura, ressignificar as percepções compartilhadas sobre, nesse caso, a velhice, provendo material simbólico para que se desenvolvam novas maneiras de pensar e agir sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Patrícia Cristina de Aragão. A cultura dos cordéis: território (s) de tessitura de Saberes.. 2007. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/4838>.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo. Edições 70, 2016.

SILVA, Diviane Alves da. **Fatores contextuais do envelhecimento populacional no nordeste brasileiro**. 2016. 105f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Centro de Ciência da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 26, n. 1, p. 22-31, Apr. 2014 . Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 maio 2018.

BLESSMANN, Eliane Jost. Corporeidade e Envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.21-39, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4737/0>. Acesso em 15 maio 2019.

CACHIONI, Meire; AGUILAR, Luis Enrique. Crenças em relação à velhice entre alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores envolvidos com as demandas da velhice em universidades brasileiras. **Revista Kairós : Gerontologia**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 95-119, 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/2395/1488>>.

CALDAS, Waldenyr. Conceito de Cultura. In: _____. **Cultura**. São Paulo: Global, 1986. (p.11-28)

CARVALHO, Maria Aparecida Alves Sobreira et al . A formação do conceito de consciência em Vygotsky¹ e suas contribuições à Psicologia. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 62, n. 3, p. 13-22, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000300003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 maio 2018.

CUNHA, Lorena Lourenço; MAYRINK, Wildete Carvalho. Influência da dor crônica na qualidade de vida em idosos. **Rev. dor**, São Paulo , v. 12, n. 2, p. 120-124, June 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132011000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 Maio 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos. **Psicol. educ.**, São Paulo , n. 23, p. 57-74, dez. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 9 maio 2018.

KREUZ, Giovana; FRANCO, Maria Helena Pereira. O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento - Revisão Sistemática de Literatura. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 69, n. 2, p. 168-186, 2017 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 maio 2019.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis. Vozes, 2006.

LOPES, Marlene Gonçalves. **Imagens e estereótipos de idoso e envelhecimento, em idosos institucionalizados e não institucionalizados**. 2010. 98 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Curso de Psicologia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2010.

MARINHO, Maykon dos Santos; REIS, Luciana Araújo dos. Velhice e aparência: a percepção da identidade de idosas longevas. **Revista Kairós: Gerontologia**, [s.1], v.19, n.1, p.145-160, mar.2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/29479>. Acesso em: 13 maio 2019.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e Crenças sobre Velhice: Análise de Conteúdo de Textos do Jornal O Estado de São Paulo Publicados entre 1995 e 2002. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (orgs.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. Campinas. Alínea, 2006.

OLIVEIRA, Ivone Martins de. Nas fronteiras entre o biológico e o cultural, o afeto. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 35, n. spe, p. 375-389, dic. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622015000400375&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 11 maio 2018.

PIRES, André. A Batalha Contra o Tempo: relações com o corpo tendo e vista o processo de envelhecimento em Cláudia e Playboy (anos 80 e 90). In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). **Infância e Velhice: pesquisa de ideias**. Campinas. Alínea, 2003. p. 59-75.

ROSA, Carlos Mendes; VERAS, Lana; ASSUNCAO, Alysson. Reflexos do tempo: uma reflexão sobre o envelhecimento nos dias de hoje. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 1027-1044, nov. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 maio 2019.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 maio 2019.

TOLDRÁ, Rosé Colom et al. Promoção da saúde e da qualidade de vida com idosos por meio de práticas corporais. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 2, n. 38, p.159-168, 2014. Disponível em:http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/promocao_saude_qualidade_vida_idosos.pdf. Acesso em 20 Maio 2019.

ZABALA, Antoni. A função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumento de análise. In: _____. **A Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p.27-52.

ZIMERMAN, Guitte I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre. Artmed, 2000.

KREUZ, Giovana; FRANCO, Maria Helena Pereira. O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento - Revisão Sistemática de Literatura. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 2, p. 168-186, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 maio 2019.